

2 A temática do Reino de Deus

Os temas tratados pela Teologia exigem uma sincera reverência, pois fundamenta seu existir no serviço do conhecimento de Deus e do amor aos outros, especialmente, os que têm a vida ameaçada: os pobres, pois a eles pertence o Reino de Deus. A temática do Reino de Deus ganha maior relevância, por se tratar de um tema central na vida de Jesus, e que por ele toda pessoa, mundo e cosmos estão implicados.

Neste primeiro capítulo objetivamos construir três pilastras que permitem estruturar nosso estudo. A primeira pilastra será a etimologia da palavra Reino de Deus. Termo que, de per si, traz para a sociedade contemporânea possibilidades e limites, e, principalmente, emergência à chegada do Reino de Deus. Para o povo da época de Jesus, Reino de Deus significava a realização de uma esperança no final do mundo³. A sociedade contemporânea marcada pelas relações virtuais, pelo fenômeno da globalização e a vivência do presentismo, questiona ou mesmo é indiferente a experiências que outrora eram vitais, há uma predominância do consumo⁴. Assim, como bem assinala Boff, Reino de Deus para o fiel moderno, não tem a mesma força, nem a mesma compreensão, para quem significa outra vida, um evento pós-morte⁵. Jesus vivendo a realidade de seu povo se apresenta como a resposta de Deus a toda pessoa humana; o significado e vitalidade de sua pregação do Reino de Deus não está fixado a um tempo cronológico, pois sua mensagem quer alcançar a vida da pessoa, do mundo, do cosmos e da eternidade.

A segunda parte trata de pesquisas sobre o Reino de Deus na Sagrada Escritura. Ela será para nós a pilastra primeira, origem. Em outras palavras, o testemunho do povo bíblico é a estrutura referência e primária para lermos o Reino de Deus na sociedade contemporânea, e nosso autor nela assenta seu

³Através do evangelista Marcos percebemos que havia na sociedade várias concepções de Messias. As mais comuns eram de que o Messias viria como Rei libertador para restaurar o reino de Davi e libertar o povo de Deus do Império Romano. Mas também havia a percepção do Messias como Servo de Deus que viria salvar o povo como profeta pobre e sofredor, este libertaria pela resistência e não pela guerra de força ou ainda de que o próprio Deus viria libertar o seu povo de modo milagroso e através do Filho do Homem, seu representante, juiz universal e Senhor dos anjos do céu. Cf. MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. Biblioteca de estudos bíblicos. São Paulo, Paulinas, 1992, pp.43-76.

⁴ Cf. BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Portugal, Edições 70, 2007, pp. 51-67.

⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 65.

escrito e nos estudos exegéticos. A Bíblia, antes de ser considerado um conjunto de livros é Palavra de Deus ao ser humano. Palavra contida em seu conjunto, Antigo Testamento e Novo Testamento.

Na terceira e última parte abordaremos a Teologia nascida na América Latina, da qual nosso autor, Leonardo Boff, é um dos expoentes desde seus inícios. Sua cristologia parte de perguntas concretas que os povos da América Latina formulam a partir de sua realidade marcada pela fé. Encontraremos outros autores que vivem na mesma esteira desta teologia, que nasce de uma realidade concreta de opressão e da busca de libertação em Jesus libertador, daí o nome: Teologia da Libertação. Queremos buscar o contexto social no qual ela se insere e os motivos que justificam seu nascimento.

A esperança que nasce da realidade concreta da América Latina entende que as palavras de Jesus querem traduzir que o Reino já começa nesta história, através da opção preferencial pelos pobres, denúncia das injustiças, vivência do amor-misericórdia-conversão, promoção e defesa da vida, e ainda à espera de sua plena realização. “O que caracteriza as teologias que tomam como categoria central o reinado de Deus é uma opção inequívoca, orientada pela própria opção de Jesus pelos pobres, oprimidos, esquecidos”⁶. Cabe-nos então, a partir do alicerce, deixar emergir na vida humana o que emergiu em Jesus: “a imediatez do próprio Deus”⁷.

Nosso alicerce é Jesus de Nazaré, homem que viveu, verdadeiramente, a vida humana e na própria história humana revela ser o Filho de Deus. Jesus Cristo é o humano como nós e o Deus conosco. Para este estudo, seguiremos a intuição cristológica de Boff que compreende o acontecimento da Encarnação do Filho, Jesus, inseparável do acontecimento da Ressurreição, Cristo. Nesta trilha, a obra escolhida objetiva conduzir a pessoa humana a descobrir o Mistério de Deus que a comunidade primitiva explicitou pela experiência de Ressurreição, o que até então estava implícito: Jesus de Nazaré é o Cristo!

Importa, agora, começar a construção da primeira pilastra trazendo à tona seu significado e implicações para a sociedade contemporânea.

⁶ Cf. SAMANES, Cassiano Floristan; TAMAYO ACOSTA, Juan Jose. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999, p. 683.

⁷ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.25.

2.1. Os Fundamentos etimológicos de Reino de Deus

Uma primeira aproximação ao Reino de Deus nos remete a sua fundamentação etimológica. O vocábulo, Reino de Deus é tradução do hebraico, *malkut yahweh* e do grego, *Basiléia tou Theou*. Alguns autores preferem utilizar o termo, reinado de Deus querendo assim expressar o exercício do poder real⁸, outros, utilizam Reino de Deus para designar um território, um reino em sentido local. Nesta compreensão, encontramos a indicação: entrar no Reino, que significa participar dos bens messiânicos que Deus reservou para o novo mundo, “Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20)⁹. Os dois vocábulos estão inter-relacionados, pois “a tradução *Basiléia tou Theou* engloba tanto a realização da soberania de Deus como a imagem espacial de um âmbito de soberania”¹⁰.

Os Evangelhos falam do Reino proclamado por Jesus, mas em nenhum deles encontramos uma definição direta do que seja a expressão Reino de Deus. Em sua pregação e ação, palavra-ação, Jesus deixou-nos alguns elementos para intuirmos o que ele queria dizer. Mas, ainda que não tenha uma definição exata, quando olhamos para a sociedade da época de Jesus constatamos que sua pregação sobre o Reino de Deus não cai em terreno vazio, mas sim, ela está bem contextualizada na realidade de seu povo e de sua época.

Ao estudarmos a história antecedente à Jesus de Nazaré, encontramos fundamentos bíblicos que evidenciam a centralidade do Reino como noção central da fé de Israel, principalmente, a partir do período pós-exílio quando os judeus começaram a viver, praticamente, sem liberdade, sob o jugo do domínio estrangeiro. Libertar-se de toda sorte de dominação era a principal esperança do povo, mas somente uma intervenção divina poderia restituir-lhe a dignidade. “Então Iahweh será rei sobre todo país; naquele dia, Iahweh será o único, e seu Nome o único” (Zc 14,9). Daí, então, que todos aguardavam a vinda de Deus,

⁸ Cf. SAMANES, Cassiano Floristan; TAMAYO ACOSTA, Juan Jose. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo, Paulus, 1999, p. 674.

⁹ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo, Paulinas, Loyola, 2004, pp. 1500-1501.

¹⁰ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annete. *O Jesus histórico*. São Paulo, Loyola, 2002, p. 264. Ao longo do nosso estudo, seguiremos de perto os estudos bíblicos destes dois autores.

através de um messias, que deveria manifestar-se politicamente, instaurando assim o reinado de Deus¹¹. Vale assinalar que a expectativa do Reino continha fortes elementos culturais e subjetivos que nem sempre correspondiam entre si. Tanto é verdade que a pregação de Jesus está contextualizada dentro de duas realidades, profética e apocalíptica. Cada grupo partidário da época, saduceus, zelotes, essênios, fariseus, tinha sua pré-compreensão da era messiânica e do messias, com os quais Jesus terá de enfrentar. Da parte do povo há a esperança de alguém que o ajude a prover suas necessidades básicas de sobrevivência e segurança¹².

O Reino de Deus está no centro da pregação escatológica de Jesus. Ele o anunciou sem ter que dar muitas explicações, visto que este conceito deveria ser conhecido de seus contemporâneos, seja pelos relatos da Bíblia hebraica, seja pelos escritos apocalípticos de sua época, ou mesmo, por aquilo que se praticava nas orações e na liturgia. Porém, salta aos olhos o fato de haver poucas referências ao Reino, no Novo Testamento, fora de Jesus. Podemos supor, portanto, que as referências a ele, na tradição evangélica, tenham a sua origem em Jesus mesmo. Muito significativa é a afirmação da exegese que em sua pesquisa sobre as fontes do Jesus histórico constata que os ditos de Jesus sobre o Reino de Deus são considerados, mesmo pelos mais céticos, autêntico da tradição de Jesus. Estes elementos demonstram a singularidade e importância do tema Reino para Jesus e para toda a pessoa que com ele se encontra¹³.

Em síntese, a etimologia do Reino de Deus se caracteriza por um termo dinâmico, que designa ação do próprio Deus de reinar. Reinar que não tem fim em si mesmo, mas em realizar a bondade de Deus na vida da pessoa e do mundo. O Reino aparece então como realidade acessível e na qual se pode entrar. Ele é a finalidade última para Jesus, a realidade provinda e mantida por Deus, a vontade prometida e realizada pelo Pai.

¹¹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.71.

¹² Cf. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annete. *O Jesus histórico*, pp. 272-276.

¹³ Cf. *Ibid.*, p. 130.

2.1.1.

A emergência do Reino de Deus no contexto atual

A crescente unificação do mundo através dos meios de comunicação social e da mobilidade social está criando novos meios de se relacionar e de se expressar. Hoje, vivemos numa época de mudanças constantes e aceleradas, definida como mudança de época¹⁴. Tarefa e desafio para o homem e a mulher contemporâneos que diferente de outras épocas, as mudanças tem tido alcance global provocando maior atenção à vida em todas as suas formas.

Tudo o que concorre para o surgimento da vida deve ser objeto do cuidado por parte de todos. Todos os seres, especialmente os vivos, são interdependentes. Não dá para pensar a vida humana fora do contexto maior da vida em geral, da biosfera e das condições ecológicas que sustentam o processo inteiro¹⁵.

Este processo imprime à realidade situações contrastantes. De um lado, as ciências têm demonstrado que o ser humano é relação e que um fato tem repercussão no todo, como uma cadeia de relações. Nada e nem ninguém está solto; o ser humano tem um princípio e um fim: Deus. Por outro lado, a dignidade e os direitos inerentes à pessoa humana são obscurecidos pelo individualismo “cada um passa a ter sua dignidade reconhecida apenas em função de sua capacidade de produzir e dominar. A própria vida humana esvazia-se de sentido e de valor em si mesma”¹⁶. O consumo tem ganhado valor absoluto, ao passo que o valor da vida humana é relativizado e é conduzido por um sistema que maltrata e oprime. Constroem assim, o reino da morte.

A proposta do Reino de Deus caminha na contramão dos impérios, de ontem e de hoje, que promovem a morte. A vida de Jesus é um serviço à vida humana, principalmente, dos mais pobres e excluídos: diante do individualismo, ele convoca a viver e a caminhar juntos formando uma

¹⁴ A reunião dos Bispos da América Latina chama a atenção ao desafio sócio-cultural do momento atual denominando-o mudança de época. Quer assim afirmar que não só vivemos mudanças, mas vivemos uma nova época que vem marcada por novas concepções e relações humanas. In: CELAM V. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB / São Paulo: Paulinas / Paulus, 2007, n. 44, p. 32.

¹⁵ Disponível em: < <http://www.leonardoboff.com>>. Acesso em: 07 mar. 2008.

¹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 2008. Texto base/Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. CNBB. São Paulo, Salesiana, 2008. Número 39.

comunidade de amigos; diante da indiferença, ele propõe a acolhida e o amor fraterno a todas as pessoas; diante das discriminações com o doente, o deficiente físico, a mulher, ele defende a dignidade inalienável de cada pessoa humana. Nas realidades globais ou num aglomerado de gente, Jesus é sensível às realidades mais simples e humanas; na multidão, ele vê pessoas, não uma massa de gente sem rostos e sem história. Assim, ele se mostra próximo e solidário, sobretudo com os mais enfraquecidos. Seu comportamento revela a bondade e a misericórdia de Deus. Através da parábola do Samaritano (Lc 10, 30-37) Jesus chama atenção para a sensibilidade e necessidade dos outros, a ter compaixão e defender a vida em primeiro lugar, sem distinção de raça, credo ou cultura. A atitude de misericórdia de Jesus é universal, ou seja, a todos indica o caminho da comunhão fraterna e a busca da vida em plenitude.

No contexto da América Latina esta tarefa toma uma forma específica, segundo sua história, cultura e preocupações. O problema maior neste continente é, conforme nos alerta Libânio, a manipulação do nome de Deus como justificativa da pobreza de muitos e a riqueza de poucos. Urge uma teologia libertadora conectada com uma profunda experiência de Deus e seguimento de Jesus pobre¹⁷. Urge discernir os conhecimentos e práticas que conduzem à vida e aqueles que desviam deste caminho, colocando-se a caminho da morte. O encontro com Cristo convoca a escolher a vida. Trata-se de “discerni tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,21). É preciso sempre recordar a missão de Jesus, “que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Assim, encontrar Cristo é encontrar a vida. Nele se cumprem todas as promessas e nele se manifesta, definitivamente, o caminho da vida. O Reino que Jesus anuncia é o Reino da vida em toda sua integralidade e radicalidade.

A realidade contrastante que vive, paradoxalmente, o ser humano, de uma globalização que aumenta a distância entre as classes sociais, produz desemprego, violência e disputa entre países, que supervaloriza o sujeito individual em detrimento do compromisso social, ao contrário de unir forças e conhecimento, proporcionado pela mobilidade das populações e comunicações que são alguns de seus benefícios, torna urgente falar do Reino de Deus.

¹⁷ Cf. LIBANIO, João B. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos vinte anos. In: LIBANIO, João B.; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 69.

A realidade humana demanda que se fale a partir da experiência concreta e grita pela vida vinda do Reino, e a pregação de Jesus está caracterizada por uma urgência que não pode ser maior: o *Kairós* está presente (cf. Lc 12,56) e manda anunciar que com Ele a vida é restaurada e que aos pobres é proclamada a Boa Notícia (cf. Lc 7,22)¹⁸. Os pobres significam em Lucas, os desprovidos do necessário para viver e também àqueles para os quais o Reino já está se realizando. Isto revela que Deus se faz presença no meio do povo e onde está o povo¹⁹. A libertação que nos pobres se concretiza e que eles testemunham como Boa Notícia, torna a mensagem do Reino imprescindível e desafiadora hoje.

2.1.2. Os limites do falar em Reino de Deus hoje

A sociedade plural e antropocêntrica contemporânea exige uma linguagem clara e objetiva para ser creditada e crida, paralelamente faz surgir limites e questionamentos à validade de um termo tão antigo como é o Reino de Deus. Nesta sociedade, racionalista, impera ainda, o discurso cartesiano de obter ideias claras e distintas. Assim, exige que todo conhecimento seja objetivo. Os meios de comunicação de massa têm trabalhado para uma visão de felicidade e criação de uma linguagem querendo impor-se como autêntica cultura, ou mesmo, como civilização. Acrescenta a estes limites em falar em Reino de Deus hoje, a história de nosso país, Brasil, em que a palavra está, muitas vezes, associada a um passado longínquo, de riquezas, luxo e escravidão. De modo que falar de Reino é estar sujeito a não ser audível ao mundo hoje ou ser considerado somente em sua dimensão política e social.

Há que considerar que nesta sociedade há um ser humano orientado para algo maior, vocacionado a ser humano, que não se contém num círculo fechado, nem se define, meramente, como ser pensante e racional, mas sabe-se construtor do destino humano e até cósmico, chamado, constantemente, a se transcender, a dar resposta Àquele que é o último em sua vida. Ser humano,

¹⁸ Cf. RAHNER, Karl. *Sacramentum Mundi*. Enciclopédia Teológica. Tomo V. Barcelona, Herder, 1974, p. 885.

¹⁹ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos*. São Paulo, Paulinas, 2003, pp.50-60.

que na linguagem joanina, vive à busca da água verdadeira, da fonte que jorra até a vida eterna, busca o Mistério que envolve sua existência, Deus, e que se manifestou em nossa carne e se chama Jesus Cristo. Vida eterna que é possibilidade concreta em Jesus, “quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14).

Esta segunda realidade, que denominamos como o desejo de viver o chamado a ser humano, é bem maior e, ainda, atravessa ultrapassando as categorias e linguagens próprias do tempo. Por conseguinte, a expressão e o significado de Reino de Deus, que à primeira vista, pode parecer inexpressivo para a sociedade contemporânea, recupera seu sentido e vigor, e mais, atinge todos os seres humanos e o cosmos, porque em Jesus todos e todas são incluídos. Os limites que nos advém fruto dos avanços sociais, não são barreiras intransponíveis, eles são, na verdade, desafios a serem enfrentados na força da fé, amorosa e gratuita, que recebemos de Jesus Cristo. Reino de Deus, como veremos, possui uma dinamicidade de maneira que atinge toda a realidade e perpassa a história humana.

2.1.3.

As possibilidades do falar em Reino de Deus hoje

A possibilidade do falar em Reino de Deus hoje está assentada em toda a vida de Jesus. Sua vida é chamado e realização do ser humano. Vive uma unidade em suas relações, tendo como centro de vida e pregação o Reino do Pai. Gonzáles Faus designa como bipolaridade essa relação indissociável do Reino de Deus na vida de Jesus. Assim, ele explica:

existem duas palavras, somente duas, que ninguém duvida de que Jesus as pronunciou; e não as pronunciou uma vez apenas; ao contrário, eram frequentes e constantes em sua vida. Simplesmente duas palavras-chaves: o termo *Abá* e a fórmula *Reino de Deus*. E em ambas temos certamente o melhor e o mais expressivo resumo da vida de Jesus e de seu sentido. Duas palavras cuja primeira mensagem consiste precisamente na vinculação e inseparabilidade das duas²⁰.

²⁰ GONZÁLES FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus. Ensaio de teologia narrativa*. São Paulo, Loyola, 1981, p. 35.

Falar do Reino de Deus hoje é situar Jesus em sua radicalidade em prol da vida, da libertação de toda opressão que atinge o ser humano e da sua total realização em Deus. Jesus só se compreende e é compreendido em relação ao Pai e ao Reino, realidade que é fruto da iniciativa do Pai. Deus é quem se faz experimentar na vida de Jesus como Pai. Há uma relação intrínseca entre filiação e missão. A consciência que com ele o Reino chegou provém de sua experiência profunda do Pai de ser o Filho amado²¹.

Para o evangelista João, a experiência de Jesus encontra seu fundamento na sua relação com o Pai, “Eu e o Pai somos um” (Jo 17,11). Isto porque, sua história é, desde o início, história vinculada a Deus, teológica, dialógica, determinada por sua cooperação com o Espírito e com o Pai. Uma história trinitária de Deus, e profundamente, inserida na história da humanidade:

Porque nele encontramos um tipo de profundidade humana que nos questiona; em sua vida, palavras e atos tornam-se palpáveis estruturas originárias do ser humano em sua relação para com o Absoluto que fazem despertar a memória daquilo que cada ser humano deveria ser diante dos outros, do mundo e de Deus²².

O Reino só é compreendido na relação de Jesus com o Pai. No dizer de Gonzáles Faus, há uma vinculação indissolúvel de modo que “quem não conheceu o reino não conheceu a Deus, mas um ídolo”²³. Jesus invoca Deus como Pai, assume seu Projeto, que é o Reino.

A partir da cristologia de nosso autor, poderemos perceber que para uma integração da existência humana e do cosmos há possibilidades e, mais, é fundamental falar de Reino de Deus anunciado por Jesus, pois com ele, “se dá de forma extrema a irrupção do sentido da existência como comunhão e participação de tudo com Deus”²⁴. Diante de Jesus e seu projeto, o ser humano está, constantemente, se deparando com sua própria história de vida, assumindo sua identidade e missão na história do mundo, sem violência e sem máscaras.

A mensagem do Reino de Deus ultrapassa todas as interpretações feitas ao longo da história sobre a expressão Reino, como também supera as

²¹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 161.

²² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 248.

²³ GONZALES FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus*, pp. 44-45.

²⁴ *Ibid.*, pp. 36-37.

expectativas humanas por ser Boa Notícia de vida em abundância, e vida plena; Jesus Cristo revela a vida e reivindica o mundo para que se permita transfigurar em Deus, deixando, Deus ser Deus no meio dele. Em suma, as diferentes compreensões e a própria palavra Reino de Deus, se apresentam como a possibilidade vital para o ser humano e o mundo.

2.2. Reino de Deus na perspectiva escriturística

É mister dizer que Reino de Deus não é ideia inventada pela comunidade primitiva. Nos Evangelhos, particularmente nos sinóticos, encontramos várias vezes Jesus falando do Reino de Deus²⁵. Para Jesus, o Reino, é o dado mais histórico de sua vida, o que marcou toda a sua pregação e a experiência que deu significado a todas as suas palavras e ações. A exegese, por sua vez, não dúvida da autenticidade desse termo empregado por ele, “as duas fontes mais antigas, Marcos e ‘Q’, concordam ao resumir a pregação de Jesus e dos discípulos por ele enviados na fórmula, ‘aproximou até vós o Reino de Deus’²⁶. Outra evidência relevante aponta para a diversidade de contextos em que tal expressão aparece, a saber, pregações, discursos apocalípticos, orações, exortações, parábolas, ensinamentos etc. Nos Evangelhos, a expressão ocorre nada menos do que 122 vezes; 90 na boca de Jesus²⁷. Isto nos atesta que é indissociável falar em Jesus sem falar do Reino de Deus.

No centro do anúncio escatológico de Jesus, está à mensagem salvífica do Reino de Deus, que ele proclamou de um lado como futuro, segundo a tradição apocalíptica, e proclama, também, que em sua obra Deus está presente no mundo, o Reino já começou. Os aspectos de presente e futuro fazem demarcar a continuidade do agir divino, não constituem duas realidades dicotômicas para Jesus, nele não há dualismo. Trata-se de um dinamismo que

²⁵ Os sinóticos são unânimes em situar o anúncio do Reino de Deus como a síntese da pregação de Jesus (Cf. Mc 1,14-15, Mt 4,17 e Lc 4, 18-21). Nas páginas seguintes explicitaremos estes textos. Convém aludir aqui à diferença existente entre os Evangelhos no que tange ao uso de tal expressão. Enquanto que Marcos e Lucas narram o núcleo da mensagem de Jesus como “Reino de Deus”, Mateus emprega “Reino dos Céus”, com raras exceções (Cf. Mt 12,28; 19,24; 21,31; 21,43), onde encontramos “Reino de Deus”. Tal diferença se deve ao contexto cultural, mas não altera em nada o significado da mensagem de Jesus. Cf. SAMANES, Cassiano Floristan; TAMAYO ACOSTA. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, pp. 677-678.

²⁶ THEISSEN, G.; MERZ, Annete. *O Jesus histórico*, p. 264.

²⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 65.

permite exprimir, nas palavras de Lacoste, que o “futuro já irrompeu no presente e o afeta com sua qualidade escatológica”²⁸.

Ainda que a concepção seja diferente com o advento Jesus, a expressão Reino não era estranha à sua época, ao contrário, ele a utiliza como instrumento para revelar Deus na vida das pessoas. Jesus adota a linguagem da sua época, mas a ultrapassa, amplamente; isto manifesta como Jesus torna Deus próximo da história humana, no entanto, ultrapassa as categorias, expressões e experiências humanas e conduz, em cada época, a atualizar sua mensagem.

Havia grande esperança da chegada do Reino, seja pelas autoridades seja pelo povo simples. Encontramos como denominador comum a expectativa que com a chegada do Reino de Deus haveria uma nova história, a opressão teria fim e uma nova era de justiça e paz seria inaugurada com a chegada do Messias²⁹. É nesta história que veremos Jesus entrar com a sua pregação do Reino de Deus. A compreensão de Reino de Deus é marcada por uma experiência de vida que envolvia a todas as pessoas, pois o Reino é Deus na história humana e a história humana, pela Encarnação do Filho, experimenta a vida do Reino.

2.2.1. Concepção de Reino no Antigo Testamento

No Antigo Testamento temos elementos que nos fornecem noções, decorrentes da experiência que Israel fez de Javé como Senhor da história³⁰. Em primeiro lugar, assinalamos a noção de que Deus é rei sobre toda a criação e, em particular, sobre Israel, graças à Aliança. A relação de Deus com o ser humano é caracterizada pela iniciativa de Iahweh, em querer estabelecer uma

²⁸ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1502.

²⁹ Cf. MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 43.

³⁰ Cf. LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes / Aparecida: Santuário, 1994, p. 739.

Aliança de fidelidade e o povo a responder na alegria a esta Aliança³¹. A fidelidade de Deus se alimenta de ternura, seu amor é demonstrado como um pai que dedica todo seu amor, “com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava” (Os 11,4).

A soberania sobre Israel é, particularmente, experimentada na celebração litúrgica, isto é, no culto. De modo geral, podemos dizer que a tradição do Sinai é marcadamente cultural:

Os textos do Sinai falam do lugar sagrado, do tempo sagrado, do mediador sagrado, das palavras sagradas, enfim, do culto. No Sinai, se funda o culto. Os textos colecionados na grande perícopes do Sinai, via de regra, surgiram no âmbito do culto; isso, por exemplo, vale para o Código da Aliança (cf. Ex 20-23), escrito nos santuários pré-estatais. Vale para Ex 25ss, formulados em vista à reconstrução do templo pós-exílico em Jerusalém³².

Além disso, “o nome de Deus é a contribuição peculiar do grupo sinaítico. Dele Israel herda o culto a Javé”³³. O culto ao Javé do Sinai se realiza, inicialmente, num local determinado. Peregrina-se para adorar este Deus. Não é Deus que vem, é a pessoa que vai a certa localidade para encontrar com Deus.

Uma terceira noção de Reino no Antigo Testamento se trata da esperança numa vinda final e decisiva de Iahweh em favor de seu povo, a fim de cumprir as promessas feitas aos profetas. O período dos profetas marca, profundamente, a fé de Israel nas promessas. A começar de Amós, eles anunciam o juízo que ameaça o reino do norte e do sul. Fidelidade de Iahweh e infidelidade do povo são duas realidades constantes na história, neste contexto os profetas anunciam uma salvação universal. Bem típico é o livro de Isaías que apresenta um perfeito servo de Iahweh que reúne o seu povo e é luz das nações, “Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te pus

³¹ Os termos Aliança e Reino de Deus se convergem. Jesus é a nova Aliança, “a garantia da nova Aliança salvífica, os fiéis são partícipes da nova Aliança, têm acesso a Deus e recebem o Reino inabalável”. BAUER, Johannes B. *Dicionário bíblico-teológico*. Loyola, São Paulo, 2000, p. 8. A Aliança de Deus é continuidade e novidade. Deus sempre busca estar em Aliança com o ser humano, longe de um mesmismo, ela tem sabor de novidade e atualidade. Para Gutiérrez, a reconstrução e a vida é o desejo de Deus, “por isso o dom e as exigências da Aliança significam uma opção pela vida” GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo, Loyola, 1990, p. 67.

³² SCHWANTES, Milton. *História de Israel. Local e origens*. São Leopoldo, 1984, p.146. (mimeografado).

³³ *Idem*, p.145.

como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42,6). Este novo reinado se descreve como paz para os dias futuros, baseada na justiça, na defesa dos fracos e atinge todas as dimensões do ser humano, “As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas; antes que elas surjam, eu vo-las anuncio” (Is 42, 9). Nesta perspectiva podemos confirmar que “os profetas deram outra visão do Reinado de Deus que contribuirá decisivamente para a formação do símbolo, exatamente como aparece na pregação de Jesus”³⁴.

No judaísmo antigo, além do profetismo, surge outra configuração da esperança no Reino de Deus: a apocalíptica. Nesta, a noção de Reino de Deus é transformada em uma expectativa que transcende este mundo e a história possui um determinismo bem explícito e fixo, fechando o círculo a uma possível revisão ou retomada da pessoa³⁵. O livro de Daniel ilustra bem esta situação, para o qual o reino é o mundo renovado, os inimigos serão vencidos, o universo é levado ao céu, das catástrofes cósmicas à esperança na vitória final de Iahweh em sua soberania, no fim ele será o vencedor, “Há um Deus no céu que revela os mistérios, e que dá a conhecer ao rei Nabucodonosor o que deve acontecer no fim dos dias” (Dn 2,28). Há uma contraposição entre o reino terrestre e injusto e o reino de Deus que vencerá no fim, “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12, 2). Mas já Ezequiel comparava o povo de Israel a uma ossada ressequida e profetiza que o Senhor incutirá nele o seu espírito para que reviva (cf. Ez 37).

A esperança da chegada de Deus marca a história do povo do Antigo Testamento. É característico do anuncio dos profetas a vitória de Iahweh, por isso se diz que eles são portadores de esperança e de convite à conversão. A esperança, portanto, tem uma história que nos fala da revelação de Deus na vida da pessoa e esta vive sua vida à espera da realização da promessa definitiva de Deus³⁶. Ela é, então, dialógica e, altamente, libertadora³⁷.

³⁴ Cf. SAMANES, Cassiano Floristan; TAMAYO ACOSTA, Juan Jose. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 676.

³⁵ Cf. THEISSEN, G.; MERZ, Annete. *O Jesus histórico*, p. 272.

³⁶ Cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena. Vivendo as realidades que entrevemos*. Juiz de Fora, Editar Editora Associada, 2010, p. 129.

A promessa da Aliança de Deus com seu povo permanece esperança com o Novo Testamento, mas agora com uma novidade absoluta: a ressurreição de Jesus. Desde a encarnação até o mistério pascal de Jesus se concretiza o anúncio dos profetas: Jesus Cristo ressuscitado é a totalidade da promessa cumprida, a plenitude do Reino. Cada evangelista, a partir de sua situação cultural, descreve sua experiência da revelação da esperança plena de Deus na história, em continuidade com a experiência do passado.

2.2.2.

A mensagem do Reino de Deus nos Evangelhos

Mergulhados na experiência da ressurreição, os evangelistas não escondem a centralidade que tem na vida de Jesus o Projeto do Pai, o Reino. E a razão desta centralidade vem do próprio Jesus que “dá um relevo ao Reino de Deus que ultrapassa amplamente o que existia no Antigo Testamento e no judaísmo antigo e o que terá na tradição cristã depois da Páscoa”³⁸.

Jesus toma um recurso didático de sua época, as parábolas, para explicar em palavras o que seja o Reino de Deus ao mesmo tempo exige que o ouvinte tome uma posição perante sua pregação. Elas aparecem como a maneira própria de Jesus ensinar, “Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes

³⁷ Esperança invoca sustento e direção de vida. No horizonte, ela descortina algo que não se vê com olhos humanos. A esperança é dom de Deus e atitude humana que não aliena, que constrói uma sociedade mais humana, que faz amar, que busca a plenitude. “A esperança se funda, exatamente, na diferença entre aquilo que *já é* e aquilo que *ainda-não-é*, mas que é possível; entre o presente e o futuro, possível de-se-tornar-presente”. (BOFF, Leonardo *Vida para além da morte. O presente: seu futuro, sua festa, sua contestação*. Petrópolis, Vozes, 1978). Para Moltmann, a esperança ultrapassa o enquadramento que a considera uma das três virtudes. Em sua obra, *Teologia da esperança*, ele a considera como o futuro de Deus para o mundo todo, é experiência vital da existência humana. (cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança. Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo, Editora Teológica e Edições Loyola, 2005). Para um estudo recente da esperança cristã em Moltmann indicamos: KUZMA, Cesar Augusto. *A esperança cristã: Fundamentos e reflexões na teologia de Jurgen Moltmann*, 2007. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

³⁸ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1502.

falava sem usar parábolas” (Mt 13,34)³⁹. A novidade na prática de Jesus em utilizar as parábolas, transparece, sobretudo, no jeito que ele tem de se relacionar com as pessoas e de ensinar. Em linguagem simples e acessível a todos, ele conduz a refletir em profundidade os fatos da vida ao confrontar a pessoa com Deus transmitindo, assim, uma elevada compreensão e uma responsabilidade⁴⁰. As parábolas possuem caráter equivalente, isto é, ao mesmo tempo em que interpreta o significado do Reino e suas exigências para nele entrar, mantém seu caráter enigmático. Ao mesmo tempo em que coloca em relevo a absoluta gratuidade da salvação oferecida por Deus, reivindica dos ouvintes a inadiável decisão ante os apelos recebidos, (cf. Mt 25,1-12). Em suma, Jesus mostra através das parábolas que com sua vinda, o presente e o fim já estão acontecendo, nas palavras de nosso autor, revela que “a velha ordem já está caminhando para seu fim. Já desponta o sol que não conhece o ocaso; irrompeu o tempo da libertação”⁴¹.

As parábolas sobre o Reino deixa entrever o agir de Deus e sua vontade para as pessoas e para o mundo. Os evangelistas são unânimes em apresentar gestos de Jesus reveladores da misericórdia de Deus, tornando uma crítica a todo sistema que exclui e discrimina, ao mesmo tempo, que inclui a todos e todas no Reino de Deus.

2.2.2.1.

Reino de Deus na tradição sinótica

Os sinóticos, embora de forma diferente, devido seu contexto histórico e cultural, são unânimes em apresentar Jesus que inicia sua missão proclamando

³⁹ Através deste recurso pedagógico, Jesus não alega simplesmente motivos históricos nem pretende simplesmente dar lição de moral a seus ouvintes, mas apóia-se no conceito que ele faz de Deus e na intimidade que goza com ele. Ele revela em suas parábolas, que o Reino é para todos; que é assim mesmo que Deus age. Ele é cheio de bondade. Se ele age assim EU também (cf. Lc 15). Assim é na parábola do bom samaritano. Ele mostra que o próximo é aquele a quem nos devemos aproximar (cf. Lc 10,37). O critério é a necessidade do outro. Todas as situações da vida são, para Jesus, ocasiões para remeter a pessoa a Deus. “As parábolas todas evidenciam como ele sabia tirar uma lição divina dos fatos mais corriqueiros da vida. Isso só é possível para quem se dimensiona contemplativamente face à vida. Esta não é vazia nem profana. Ela é penetrada pela presença de Deus-Pai-e-Mãe e Amor. Ela não é nem transcendente nem imanente. Ela é transparente para Deus. Jesus vivia a imediatez dessa presença.” (In: BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: A Transparência de Todas as Coisas*, Campinas, Verus, 2002, p. 34).

⁴⁰ Cf. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico*, p. 369.

⁴¹ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 13.

a chegada do Reino de Deus. Nestes, Jesus aparece como o pregador escatológico, que com parábolas e milagres anunciam a chegada do Reino de Deus como dom para os pobres e os pecadores⁴². Destacaremos, de forma breve, como cada um dos evangelistas descreve a simultaneidade entre a chegada do Reino e a chegada de Jesus. E, em seguida, o agir revelador do Pai por Jesus presente em todos eles.

Marcos situa o início da pregação de Jesus após a morte de João Batista, e ela não se baseia na lei, nem na sua pessoa, mas centra-se na proximidade do Reino de Deus, “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (Mc 1,15).

Para Mateus, Jesus ao ser batizado recebe o programa de toda a sua vida: realizar a vontade de Deus e seu projeto salvador, “E do céu veio uma voz, dizendo: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada’” (Mt 3,17).

Uma explicitação mais concreta do Reino encontramos em Lucas, cuja descrição é considerada o programa paradigmático de Jesus. Após superar as tentações, Jesus volta para a Galiléia e na força do Espírito ensina e revela sua missão, assim como descrito no livro de Isaías,

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18).

Os Sinóticos deixam claro que o Reino não é só presente, nem só futuro. O Reino é o futuro que já começa hoje com Jesus. Na consciência de Jesus, subjaz a tensão constante entre Reino realidade futura e Reino realidade presente. Se por um lado o Reino é missão histórica a se realizar, Jesus “respondeu-lhes: ‘Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino’” (Lc 11,2), por outro irrompe no mundo com a presença mesma de Jesus, de modo que “não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’, pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 21). A chegada do Reino é simultânea à chegada de Jesus. Jesus é o próprio Reino em atos. Através de sua pessoa, de sua práxis, mostram-nos os Evangelhos: Deus reina no mundo como aquele que dá a vida.

⁴² Cf. THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico*, p. 45.

Os gestos de Jesus em acolher aos pecadores, em solidarizar com os pobres e em operar milagres, trazendo o Reino de Deus, revelam o modo de agir de Deus, tornam presente o Projeto do Pai⁴³. Explicitaremos, a seguir, estes três gestos.

O primeiro gesto compreende a acolhida de Jesus àqueles que a sociedade classificava como pecadores e pecadoras: Diferentemente de João Batista que tinha como tema o anúncio do iminente juízo da ira de Deus “o machado já está posto à raiz das árvores” (Mt 3,10), Jesus anuncia Deus como Boa Notícia que se oferece gratuitamente. Em Jesus, Deus se aproxima do homem e da mulher como oferta de amor, de perdão, de libertação. Cabe a este decidir em aceitar ou recusar ao que lhe é oferecido.

Jesus não esconde sua opção nem mesmo titubeia ao ser questionado se seria o messias esperado, mas responde decidido: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,3-5). Com ele, o Reino se aproxima dos pobres com sua utopia absoluta. Ele convive com todos, a ninguém exclui, mas diante da realidade excludente ele toma partido dos pobres e marginalizados. Traz esperança e vida para quem a tem negada ou ameaçada. Daí o escândalo da práxis de Jesus que os fariseus não aceitam que o Reino se aproxime deles também. O motivo de Jesus se colocar ao lado dos pobres e marginalizados é fruto de sua experiência na absoluta bondade de Deus, que aceita e acolhe sem reserva cada um e cada uma, assim como são. O grande mistério que é Deus revela e oculta sua presença em rostos sofridos e desfigurados pela sociedade.

Deus se encarna e se faz presente na história, contudo ao se identificar com os pobres do mundo, neles esconde sua ação e seu rosto. O Senhor oculta e simultaneamente revela sua presença na história, na vida e no sofrimento, nas lutas, na morte e nas esperanças dos condenados da terra⁴⁴.

Jesus se coloca ao lado dos pobres assumindo sua causa, suas dores e falta de esperança como sua mesmo. Por eles, aceita ser rejeitado e torturado até a cruz. Esse homem crucificado é ressuscitado. Como bem expressa Boff, a ressurreição do crucificado é a revelação máxima do futuro dos sem-esperança, o sentido de sua existência e do mundo. E continua, “em Jesus Cristo ouvimos

⁴³ Cf. SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, pp. 781-782.

⁴⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 124.

e vimos que o impossível é possível e que a *utopia* (que não existe em nenhum lugar) pode transformar-se numa *topia* (que existe já em alguém)⁴⁵.

O terceiro gesto se concentra nos milagres compreendidos como sinais da proximidade do Reino. Eles são sinais do poder e da misericórdia de Deus, sinais da realização das promessas do Antigo Testamento, expressão profunda de como Jesus mesmo compreendeu seu poder escatológico “Se é através do Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês” (Mt 12,28). Construir o Reino supõe lutar contra todos os tipos de males vigentes que é a personificação do anti-reino. Esta na ordem de Deus a libertação integral de todos os males que advém à pessoa de ontem, de hoje e de amanhã. Jesus não é portador de uma libertação meramente espiritualista ou desencarnada. A origem dos milagres é a libertação da pessoa em todas as suas dimensões e sua reinserção na sociedade. Como consequência, torna-a livre para que participe ativa e livremente na criação de novos céus e nova terra.

Esses relatos dos gestos de Jesus mostra que sua pregação não é só discurso e muito menos uma doutrina. Há uma profunda coerência entre palavra e ação. Sua pregação e seu modo de viver integram-se perfeitamente, formando uma unidade inseparável. Ele vive aquilo que fala e fala o que vive. Resulta dessa profunda coerência do profeta de Nazaré a afirmação que com ele o Reino chegou. Sua pessoa não estava somente a serviço da Boa Notícia de Deus, mas era a própria Boa Notícia feita homem, era o próprio Deus em forma humana. Foi à luz da ressurreição que os evangelistas experimentaram que, naquele homem, em suas palavras e ações, estava o próprio Verbo de Deus.

O Evangelho é Boa Notícia porque resgata a vida, isto é, devolve as condições de vida para quem não tem vida: quem não é tratado como gente passa a ser respeitado como pessoa humana; quem está sem esperança passa a encontrar ânimo e esperança na proposta do novo que está chegando.

⁴⁵ BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo. Ensaio sobre a vocação humana*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 29.

2.2.2.2.

Reino de Deus na tradição joanina

A particularidade de João de traduzir a expressão: Reino de Deus por vida, é de grande significado para nosso estudo. Esta mudança não é por acaso, explica nosso autor, mas se deve ao contexto de sua época em que o termo esvaziara de sentido. Assim, João utiliza palavras correspondentes que eram compreendidas a seus ouvintes⁴⁶.

Além de mostrar extrema criatividade pelo fato de adaptar a mensagem de Jesus à realidade de seus leitores, o escritor do quarto Evangelho vai ao núcleo da experiência de Deus. Para este evangelista, vida é Deus mesmo e, quando relacionado a pessoa, significa plenitude, felicidade, salvação, novo nascimento, vida nova, vida plena, vida eterna⁴⁷.

Jesus revela a coerência de um Deus que é uma presença gratuita e viva na história, e que por ser assim, quer o homem vivo em todas as suas dimensões. Dito de outra forma, a proclamação do Reino de Deus não é senão, a Boa Notícia da presença de um Deus vivo, cujo projeto é a vida, ou seja, a libertação humana.

Pelos Evangelhos descobrimos que Jesus só é compreendido pelo caminho do Reino, e o Reino só é compreendido no caminhar histórico da vida de Jesus. Nesta mesma linha, encontraremos Paulo em sua teologia.

2.2.3.

Reino de Deus na teologia paulina

Os discípulos palestinos falavam de Jesus e sua pregação do Reino de Deus a partir da sua experiência histórica. O ponto de partida para Paulo é o chamado a ser cristão e apóstolo em virtude de um encontro misterioso com o Ressuscitado, “Durante a viagem, estando já perto de Damasco, subitamente o cercou uma luz resplandecente vinda do céu” (At 9,3ss). Desta experiência, Paulo faz emergir toda a sua reflexão teológica.

⁴⁶ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 50.

⁴⁷ Visto a expressão: vida constituir um dos nossos focos de estudo e o evangelista João adotá-la como a palavra para descrever o Reino. Seremos breves aqui, pois nas páginas seguintes estaremos considerando sua compreensão teológica de vida.

À diferença dos Evangelhos, Paulo concentra toda a sua atenção no mistério pascal. O que não significa que sua pregação sobre Jesus, o Cristo, se diferenciava, substancialmente, dos Evangelhos, mas a experiência salvífica de Cristo e seu contexto exigiam um linguajar adequado a seu tempo. Kumel afirma que o ponto de partida de Jesus, em sua proclamação do reinado de Deus, e de Paulo, estão em estreita ligação, mesmo que isto não seja reconhecido à primeira vista. Ele descreve: “O próprio Paulo resume a fé dos cristãos da seguinte maneira: ‘Se com tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’ (Rm 10,9)”⁴⁸.

Numa pesquisa bíblica às Cartas de Paulo, constata-se algumas menções explícitas sobre o Reino de Deus. À maioria em sentido escatológico, “O que afirmo irmãos, é que nem a carne nem o sangue podem participar do Reino de Deus; e que a corrupção não participará da incorruptibilidade” (1Cor 15,50; cf. 1Cor 6,9-10; 1Ts 2,12; 2Ts 1,5; Gl 5,21). Mas também fala deste reinado como realidade presente, “O Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e gozo no Espírito Santo” (Rm 14, 17; cf. 1Cor 4,20). E por vezes o relaciona com a justiça, “Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus?” (1Cor 6,9).

Verificamos que mesmo que Paulo empregue raramente, o conceito de Reino de Deus em sua expectativa do futuro agir salvífico de Deus, está conectado com os Evangelhos, cuja ideia mestra é o Reino anunciado por Jesus e a nova ordem encontra sua unidade em Cristo (Cf. Col. 3,11).

Até aqui, podemos concluir que a história do povo da Sagrada Escritura, em sua menção explícita ou implícita do Reino, tem presente que Deus não é uma ideia, mas participa da vida concreta do povo e de sua história, suscitando o desejo de conhecê-Lo e receber a vida que vem do Deus da vida. A consciência do Reino acompanha a própria história da revelação divina. Os acontecimentos, pelos quais passou o povo de Israel, ajudam a explicar o surgimento desta consciência. No entanto, a chegada do Reino não se justifica pela tomada de consciência do ser humano, mas pela conjugação e articulação

⁴⁸ KUMEL. Werner G. *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. São Paulo, Editora Teológica, 2003, pp. 182-183.

da Promessa e de sentido da vida Naquele que é o caminho, a verdade e a vida para o Pai: Jesus Cristo.

Constatamos que para o povo do Antigo Testamento e do Novo Testamento o Reino de Deus designa o agir de Deus. A grande reivindicação de Jesus é que o mundo se permita transfigurar em Deus, deixando Deus ser Deus no meio do povo. Na seqüência de nosso estudo, percebemos, anteriormente, a possibilidade e a emergência de se tratar do Reino de Deus no mundo contemporâneo. A vida que emerge do Reino é o grito de homens e mulheres de hoje que vivem a realidade promovida pela globalização com suas múltiplas propostas, abundância virtual e nova ordenação da vida, ao mesmo tempo, e de forma contraditória, experimentam em sua vida a ausência mútua uns dos outros. Daí podermos dizer que a mensagem do Reino de Deus permanece vital para a história. Podemos nos perguntar agora como, especificamente, o povo da América Latina faz a leitura do Reino anunciado por Jesus.

2.3. A perspectiva teológica na América Latina

Toda reflexão teológica tem presente a realidade em que está inserida ainda que seu ponto de partida seja o mesmo, a saber, Deus. Isto porque, nenhuma reflexão está isolada da realidade humana e do contexto concreto em que o discurso é elaborado. O autor é, intrinsecamente, um ser situado dentro de um conjunto social. Nesta linha Leonardo Boff afirma que “os acentos e a temática cristológica são definidos pelo que emerge como relevante a partir de seu lugar social”⁴⁹. A perspectiva teológica na América Latina constata que a cristologia hoje tem como característica fundamental a ênfase na humanidade de Jesus, o apelo existencial-prático e o diálogo com a cultura contemporânea.

Esta intuição de uma teologia não mais abstrata e desencarnada brota do Concílio Vaticano II ao compreender que a Palavra revelada em Jesus Cristo necessita, se quiser ser compreendida, ser inculturada na história de homens e mulheres. Por conseguinte, terá que considerar as experiências passadas, os

⁴⁹ BOFF, L. Jesus Cristo Libertador. Uma Visão Cristológica a partir da periferia. In: REB, vol. 37/ 147. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 502.

progressos científicos e a cultura dos diferentes povos. “Esta maneira adaptada de pregar a palavra deve permanecer a lei de toda evangelização”⁵⁰. Com isto, o Vaticano II indica que uma cristologia da inculturação é uma exigência a toda teologia que se quer ser séria e audível para hoje. Trata-se, essencialmente, da encarnação do mistério de Cristo numa determinada cultura, na experiência de vida de homens e mulheres concretos, a serviço da sua libertação e completa humanização.

Toda cristologia contextualizada é, então, importante e se compromete com sua realidade. Neste momento surge a pergunta: Qual é a realidade que a cristologia na América Latina é convidada a se comprometer? Constatamos, neste continente, um processo histórico onde

“a morte é uma ameaça e realidade antes do tempo por causa da pobreza extrema [...]. Na América Latina o movimento é a libertação dos pobres. Neles se faz uma experiência profunda espiritual de Deus, de seguimento de Jesus pobre”⁵¹.

Hoje se sente mais ainda a importância da espiritualidade devido ao cansaço e desilusão de tantos homens e mulheres que se sentem mutilados com o sistema capitalista e opressor, com as portas fechadas ao respeito à sua dignidade. A cristologia na América Latina surge do encontro do Cristo pobre com os pobres deste mundo. Cristo é visto como libertador e promotor de uma práxis eclesial libertadora. O engajamento desta cristologia é explicitada pelo nosso autor,

a Cristologia que proclama Jesus Cristo como Libertador quer comprometer-se com a libertação econômica, social e política dos grupos oprimidos e dominados. Pretende perceber a relevância teológica que se acha na libertação histórica das grandes maiorias de nosso continente [...] Quer articular de tal maneira o conteúdo da Cristologia e criar um estilo que ponha em destaque as dimensões libertadoras presentes no caminho histórico de Jesus⁵².

A perspectiva teológica na América Latina é, eminentemente, uma perspectiva de libertação. De acordo com Enrique Dussel a história da teologia da América Latina tem suas raízes na linha da teologia profética da Igreja na

⁵⁰ VATICANO II. “Gaudium Spes.” In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Introdução e índice analítico de Boaventura Kloppenburg; coordenação geral de Frederico Vier*. Petrópolis, Vozes, 1968, n. 44.

⁵¹ LIBANIO, J. Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 69.

⁵² BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. Uma Visão Cristológica a partir da periferia. In: *REB*, vol. 37/ 147, p. 502.

América Latina e que encontrou também outras expressões. Nos tempos da *Conquista* (a partir de 1511), através de missionários que defenderam o direito dos índios contra os exploradores comerciais. Na época da *Emancipação* neo-colonial (início do século 18), através da teologia prático-política que embasou a luta pela independência dos povos. E a elaboração da Teologia da Libertação, na América Latina, na segunda metade do século XX. A fase de *Preparação* (1961-1968) está situada no início do Concílio Vaticano II com seu programa de “atualização” à Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín, que representou a aceitação deste Concílio pela Igreja latino-americana⁵³. Em suma, constatamos na América Latina, o convite constante a promover a libertação de seu próprio povo.

De acordo com Gutiérrez o processo de libertação na América Latina nasce de um profundo desejo de criar uma nova humanidade, e seu desejo pode ser atingido com mais eficácia pela promoção da justiça na sociedade. A experiência em Jesus Cristo nos exorta a lutar por uma sociedade, qualitativamente, diferente na qual a realização do Reino é concretizada “numa sociedade fraterna e justa e, por sua vez, essa realização desponta em promessa e esperança de plena comunhão de todos os homens com Deus”⁵⁴.

A partir desse processo, surge uma nova compreensão da pessoa que agora é vista como sujeito da história. Desenvolve uma nova consciência, e a partir dela, se unem para superar a dominação, a injustiça e a exclusão que impedem sua libertação. A fé apresenta implicações sócio-políticas inegáveis. Sem isso a caridade e a justiça não seriam as chaves de implantação do Reino. O resultado desta nova consciência se expressa na palavra chave em tom de esperança: Um outro mundo é possível, novo céu e nova terra há de chegar. Esse mundo assim como está, de pobreza, exclusão, aquecimento da terra não está no querer de Deus. A esperança constrói seu caminho mesmo em meio as lutas, injustiças e catástrofes, porque encontra sua razão de ser em Jesus ressuscitado, solidário e vencedor da morte, “e a esperança não decepciona,

⁵³ Cf. DUSSEL, E. *Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492-1980)*. In: CHURRUCÁ PELÁEZ, Agustín. *História da teologia na América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1981, pp. 165-193.

⁵⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação. Perspectivas*. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 198. Um dos maiores expoentes da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez, nasceu no Peru. Na década de 60 foi o primeiro a falar na Igreja dos pobres. Seu livro intitulado *Teologia da Libertação*, escrito em 1972, continua sendo referência no campo da Teologia da Libertação.

porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Nasce a convicção do chamado a participar do projeto de Deus e ninguém está de fora dele. Do compromisso com o projeto de Deus faz encontrar o sentido último da vida humana. Aí se enraíza o Reino Deus experimentado na vida e portador da verdadeira vida. Emerge a consciência que Jesus Cristo não é uma resposta entre outras, ele é a resposta à condição humana.

A cristologia de Boff, como Jesus Cristo libertador, é resposta de vida, particularmente, aos que tem sua vida ameaçada. É sua grande intuição, “em nossa situação de terceiro mundo dependente, a fé cristológica pensada e vivida de forma histórica, nos orienta a uma opção de libertação, a um certo tipo de análise e a um compromisso preciso”⁵⁵. A experiência de um sistema socioeconômico opressor e da nova solidariedade emergente na América Latina que possibilite encontrar sentido, são elementos motivadores para falar da libertação do ser humano trazida por Jesus Cristo em sua palavra-ação sobre o Reino⁵⁶. A libertação, pela experiência, enxerga o chão da realidade humana e capta a existência concreta de um povo oprimido que clama por libertação. O Verbo veio morar entre nós (cf. Jo 1,1-19) sua realidade adentra a realidade humana de tal forma que só se pode falar de nossa realidade existencial tocados pela significação de sua realidade.

Conforme veremos, tratar sobre liberdade permitirá trazer presente a realidade concreta de homens e mulheres chamados a serem livres. Viver na liberdade, não por um projeto político, mas fundamentado na experiência de Jesus libertador. Ele é a novidade absoluta e a Boa Notícia do Reino.

Podemos concluir que a teologia na América Latina surge a partir da situação real e concreta dos povos deste continente, que parte da fé existencial, cristã e profética vivida num contexto de opressão e marginalização em busca

⁵⁵ BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. Uma Visão Cristológica a partir da periferia. In: *REB*, vol. 37/147, p. 198.

⁵⁶ Para Blank o sistema neoliberal e sua tomada de consciência originam a Teologia da Libertação, esta se apresenta como proposta de busca de sentido ao buscar recuperar a dimensão social e comunitária. Cf. BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida*, São Paulo, Paulus, 2008, p. 79-83.

da libertação. Para entendermos sua teologia precisamos evocar a Teologia da libertação, que para Libânio, todo outro movimento teológico a ela se refere⁵⁷.

2.3.1. Teologia da libertação

O ano de 1968 é marcado por diversos conflitos. Dois importantes eventos marcam este período, o Ato Institucional n. 5 do regime militar, implantando no Brasil a ditadura, e a realização da II Conferência Episcopal Latino-Americana, em Medellín. Ambos os fatos têm reflexo direto sobre a Igreja no Brasil⁵⁸. No início, a Igreja pensava caminhar bem com o governo civil. No entanto, uma parcela da Igreja percebeu a verdadeira face dos militares. A situação de “endurecimento do regime político convenceu a Igreja da incompatibilidade entre o sistema implantado e o evangelho anunciado”⁵⁹. O povo é vítima de uma política que beneficia uns poucos privilegiados; atitude que declarava um atentado público aos Direitos Humanos mais fundamentais. A conferência de Medellín⁶⁰ evidenciou que a Igreja tanto pode estar a serviço da preservação do *status quo*, quanto pode constituir-se num fator de mudanças, de libertação integral. Deste contexto, de opressão e fé concreta nasce na América Latina a Teologia da Libertação (TdL)⁶¹.

Antes de traçarmos as grandes linhas que caracterizam a Teologia da Libertação, buscaremos assinalar, brevemente, o que dizem diferentes teólogos para em seguida, trazer o pensamento de nosso autor.

Para o historiador da Igreja, a Teologia da Libertação nasce a partir da conscientização da real situação sócio-política e de uma nova compreensão da

⁵⁷ LIBANIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1993, p.10.

⁵⁸ Cf. MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História, 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. T.3. São Paulo, Paulinas, 2005, p. 191

⁵⁹ *Ibid.*, p. 195.

⁶⁰ Medellín é fiel à sua proposta de refletir o Vaticano II ao mesmo tempo se abre a outros acontecimentos contemporâneos. Como interpreta Libânio, “Medellín situa-se na esteira luminosa do Concílio Vaticano II. A TdL vai-se gestando inspirada pelo Concílio e sob o impacto dos movimentos de libertação em curso dentro da situação de opressão do sistema capitalista periférico, dependente, tardio e selvagem, da teoria da dependência, da pedagogia de Paulo Freire e de outros movimentos culturais. Cf. LIBANIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 13.

⁶¹ Utilizaremos a partir daqui a sigla: TdL para Teologia da Libertação.

Igreja, e evidencia a dimensão transformadora da fé em Jesus Cristo no sentido de uma libertação integral⁶².

No dizer do teólogo suíço Renold Blank, o nascimento da Teologia da Libertação é fruto da experiência de um sistema sócio-econômico opressor que faz crescer na América Latina um novo processo de conscientização, “marcado pela recuperação da dimensão social e comunitária tão esquecida na maioria das propostas para a busca de sentido”⁶³.

Para o teólogo jesuíta, Libânio, a origem da Teologia da Libertação está na “experiência da injusta pobreza, que afeta milhões de irmãos latino-americanos. Dentro dessa experiência, reinterpreta-se o sentido profundo da universalidade do amor a Deus e ao próximo e da necessidade da conversão cristã”⁶⁴.

A Teologia da Libertação, segundo Manfredo Araújo “emergiu como uma reflexão a partir da fé sobre a vida humana negada”. Ela é resposta a favor da vida, ao mesmo tempo, resposta na contramão a um sistema “que funciona a partir de sua lógica interna sem nenhuma consideração das verdadeiras condições de vida dos homens e das mulheres”⁶⁵.

A TdL procurou assumir a perspectiva do pobre como princípio de articulação da reflexão ética e como configuradora de sentido para a vida. Na definição de Dussel, trata-se de uma reflexão teológica que “pensa no compromisso político concreto do cristão, em sua situação geopolítica da periferia e em sua situação social de intelectual orgânico das classes oprimidas ou de participante na libertação dessas classes”⁶⁶. Para esse autor, a luta pela

⁶² Cf. MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História*, p. 197. O autor é membro da Congregação dos Fráteres de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia desde 1960 e conhecido como Frater Henrique. Dedicou-se profissionalmente ao magistério e à pesquisa da história da Igreja. É formado em Teologia e em História Civil e Eclesiástica.

⁶³ BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*, p. 79. Professor Blank nasceu na Suíça e há vários anos mora no Brasil. É licenciado em letras, doutor em Filosofia e em Teologia. Tem várias obras publicadas na Europa e na América Latina.

⁶⁴ LIBANIO, João B. *Panorama da Teologia da América Latina nos últimos vinte anos*. In: LIBANIO, João B.; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 12.

⁶⁵ ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo. Ampliação do sentido de libertação. In: *Perspectiva Teológica*, 30. Belo Horizonte, Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Faculdade de Teologia, 1998, p. 282.

⁶⁶ DUSSEL, E. *Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492-1980)*. In: CHURRUCA PELÁEZ, Agustín. *História da teologia na América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1981, pp. 181-182.

libertação não é motivada pelo querer da maioria, e sim, ela é fruto da opressão.

Certo é que a Teologia da Libertação, atestada por estes teólogos, está buscando ser fiel ao Deus da vida. Em suma, eles afirmam que ela apresenta-se como uma reflexão motivada pela misericórdia diante do sofrimento dos pobres e desencadeadora de uma ação solidária.

Esta perspectiva teológica da América Latina tem sua origem em vários pensadores, dentre os quais fira nosso autor. Segundo R. Blank: “Leonardo Boff no Brasil, Gustavo Gutiérrez no Peru e Franz Hinkelammert no Chile e na Costa Rica, junto com muitos outros, incentivaram, a partir da perspectiva das vítimas, o surgimento de novos caminhos”⁶⁷. Eles buscam resgatar o sentido da vida humana a partir das experiências de vida e de sua religiosidade. A ótica da TDL é, profundamente, positiva, onde a história humana é valorizada e as pessoas passam a ser vistas como sujeito ativo da história, impulsionadas e sustentadas por Deus. Uma ótica bíblico-teológica, pois compreende que a vida vem de Deus, vida que não é somente uma série de processos naturais, mas dom de Deus, que retornará a ele após a morte (cf. Ecl 12,7). Deus dá a vida para todos. A verdadeira vida é a vida vivida orientada para Deus, tal como a vive os pobres para quem Deus é a única fonte de força. Há uma relação circular entre a teoria e a prática; um movimento convergente entre a Palavra de Deus e a prática cristã, entre Sagrada Escritura e vida, que se fecundam mutuamente⁶⁸.

A TdL procura articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse pela sua libertação. Para cumprir sua tarefa, utiliza as ciências e elabora ações pastorais que ajudam a transformar em libertação o caminho dos oprimidos. Não se trata mais de interessar pelo pobre através das práticas de caridade ou reduzir suas necessidades criando um sistema de dependência. A libertação exigida na América Latina exige uma prática social que busca

⁶⁷ BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida*, p. 80.

⁶⁸ Cabe destacar aqui a grande contribuição dada ao povo pelo biblista, Carlos Mesters. A partir de seu método de leitura da Bíblia o povo faz a experiência da inseparabilidade: fé e vida. “Estimulado pelos problemas da realidade (pré-texto), o povo busca uma luz na Bíblia (texto), que é lida e aprofundada dentro da comunidade (con-texto). O pré-texto e o con-texto determinam o lugar de onde se lê e interpreta o texto.” (MESTERS, C. *Flor sem defesa. Uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 37). Frade carmelita, Carlos Mesters é natural da Holanda e missionário no Brasil desde 1949. Doutor em Teologia Bíblica é um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil.

romper com o sistema vigente de dominação; uma solidariedade efetiva e amorosa. Muda a leitura do lugar social: a perspectiva de leitura da realidade adotada parte daqueles que estão oprimidos pelo poder opressor: excluídos, mulheres, pobres, estrangeiro. Estes, em nome de Deus, podem recuperar sua dignidade e encontrar o sentido da vida. O esquema da TdL privilegia o social, sem anular as responsabilidades pessoais, pois entende que as pessoas fazem parte de um todo maior e que seus comportamentos serão, devidamente entendidos a partir desse todo maior.

Para Boff, a libertação está intrínseca à cristologia, pois esta tem como objetivo articular o seu conteúdo com um estilo que sobressaia às dimensões libertadoras no caminho de Jesus de Nazaré. E explicita que o chão da cristologia,

é o contexto de opressão e dependência em todos os níveis da vida, exasperando seu correlato oposto - a libertação - que propicia à Cristologia na América Latina pensar e amar a Jesus Cristo como Libertador. Esse tema não é gerado voluntaristicamente na cabeça de alguns teólogos à caça de objetos interessantes para suas discussões, mas nasceu como exigência da fé concreta de cristãos que se sentiram, em consciência, convocados a ajudar a superar uma situação humilhante para seus irmãos e que encontraram em Jesus Cristo impulsos de libertação⁶⁹.

A primeira discussão sistematizada da TdL é atribuída a Gustavo Gutiérrez em seu livro, *Teología de la liberación*⁷⁰. O programa de Gutiérrez visa à libertação de homens e mulheres oprimidos e explorados apoiados na experiência de que a salvação em Jesus Cristo implica uma libertação também social. A Teologia da Libertação se compreende como reflexão crítica sobre a práxis, assim ela

nos propõe talvez não tanto novo tema para a reflexão quanto *novo modo* de fazer teologia. A teologia como reflexão crítica da práxis história é assim uma teologia libertadora, teologia da transformação libertadora da história da humanidade, portanto também da porção dela - reunida *eclesia*- que confessa abertamente Cristo. Teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na

⁶⁹ BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador. Uma Visão Cristológica a partir da periferia. In: *REB*, vol. 37/147, p. 502-503.

⁷⁰ Boff destaca que a originalidade da TdL em Gustavo Gutiérrez é a de criar uma teologia que transcende os limites da América Latina. Cf. BOFF, Leonardo. A originalidade da Teologia da Libertação em Gustavo Gutiérrez. In: *REB*, vol. 48/191. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 531.

luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do reino de Deus⁷¹.

O ponto central desta teologia é a compreensão de que o Reino de Deus não pode ser reduzido nem à dimensão espiritual nem, exclusivamente, a sua expectativa na parusia⁷². Não se quer somente tornar a mensagem de Jesus Cristo aceitável num contexto específico, mas quer-se mudar o próprio contexto a partir desta mensagem, pois o contexto está marcado por situações de opressão política, exploração econômica e discriminação racial. É uma libertação querida em obediência à Boa Nova de Jesus Cristo.

Conforme veremos, tratar sobre libertação permitirá trazer presente a realidade concreta de homens e mulheres chamados a serem livres. Buscar a libertação não por um projeto teórico, mas fundamentado na experiência de Jesus libertador. Jesus Cristo é a novidade absoluta e a Boa Notícia do Reino.

2.3.2.

A compreensão de libertação na América Latina a partir de Jesus Cristo

Falar de libertação⁷³ no contexto da América Latina, e particularmente, na linha da Teologia da Libertação⁷⁴, objetiva mais salientar a pessoa de Jesus Cristo que se encarna, faz história, também na história da América Latina, e não dar primazia a uma experiência do ser humano, pois esta é consequência daquela.

⁷¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação. Perspectivas*, p. 27. Grifo do próprio autor.

⁷² Boff entende que cabe à escatologia criticar todas as situações que não correspondem ao reino, onde o presente é absolutizado em ideologias, doutrinas, instituições, etc. Trata-se da função crítica da esperança. Cf. BOFF, Leonardo *Vida para além da morte*, p. 26-27.

⁷³ O termo teológico libertação pretende superar através de seu conteúdo o termo liberdade. Trata-se, segundo Assmann, de um “deslocamento semântico”: Liberdade se apresenta como “ideal subjetivo se refere ao indivíduo esclarecido que reivindica sua autonomia.” Libertação é entendida como “processo histórico que supõe conflito de mudança, inclui o nível econômico-social e se refere aos povos empobrecidos e oprimidos, cuja primeira reivindicação é a de satisfazer suas necessidades mais elementares, para viverem como pessoas e, assim, estarem em condições de exercitar sua liberdade. Cf. SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 500.

⁷⁴ Ao definir libertação, o dicionário teológico destaca a contribuição dos teólogos da libertação para a compreensão experiencial, ou seja, não mera compreensão racional da Palavra de Deus, “o termo libertação adquiriu direito de cidadania teológica apenas em época recente, graças às teologias da libertação, surgidas na América Latina e em outros países do chamado Terceiro Mundo.” E continua dizendo que a contribuição de tais teologias para a verdadeira libertação está na conexão que fazem de “forma significativa com a vida e as aspirações das pessoas e dos povos oprimidos.” SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 498.

O vocábulo ‘libertação’ é bíblico. No Antigo Testamento esperava-se a libertação como algo futuro. A libertação definitiva era adiada ao período ideal dos últimos tempos e contemplada como sendo o ápice da história. No Novo Testamento a libertação já é algo realizado. É a eterna Boa Notícia: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,15). “Está próxima a vossa libertação”. (Lc 21,28). “Vem a hora -e é agora- em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão”. (Jo 5, 25). Com Jesus Cristo chega a autêntica libertação de tudo que aprisiona, inclusive libertação da morte.

A Teologia da Libertação toma como ponto de partida a situação atual de opressão e exploração, pensa numa libertação a ser ainda realizada. Fala da libertação como de um projeto ou utopia a ser efetivada, como no Êxodo, ao mesmo tempo afirma que em Jesus Cristo irrompeu o tempo da libertação, a concretização do projeto do Pai (cf. Lc 4,18), “a mensagem de Jesus é de radical e total libertação da condição humana de todos os seus elementos alienatórios”⁷⁵. Libertação plena, pois Ele já se apresenta como o ser novo, a nova criação reconciliada consigo mesma e com Deus. Ele é a interpretação determinante de toda a realidade passada, presente e futura⁷⁶. Em suma, Ele é o Reino presente e agindo no mundo, é utopia se realizando e libertação total⁷⁷. Nele, o Pai, exprimiu uma vontade particular orientada para os excluídos, e assim também deve fazer todos seus discípulos (cf. Mt 25, 31-46). A libertação, pela Teologia da Libertação, implica o desaparecimento da injustiça social e a construção de uma sociedade justa nesta terra.

A experiência do ser humano com Jesus Cristo aponta que “na América Latina, torna-se cada vez mais forte o clamor pela libertação total dos povos”⁷⁸. Experiência que não se limita a um reino de liberdade pessoal ou cruzar os braços à espera da libertação do futuro escatológico. Desde já, ela é futuro. Pois, desde já, está a experiência de que Jesus Cristo é a fonte da esperança e a força na luta pela libertação. A realidade da exclusão, da violência e da dominação estrutural que se expressa como discriminação e escravidão é

⁷⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 93.

⁷⁶ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 282-283.

⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p. 67.

⁷⁸ IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 257.

denominada pela TdL de pecado. Contrastando com uma visão individualista do pecado, é agora apresentada uma autocompreensão teológica que leva a sério a dimensão política e social do Evangelho. Já não é mais a pessoa individual que se encontra sozinha diante de Deus e que tem que assumir a responsabilidade por sua falta de amor a Deus; favorecida por esta Teologia, a questão fundamental é antes a dimensão social e o envolvimento com as condições sociais. A TdL fala de estrutura ou de condições de pecado que alienam, oprimem, exploram e escravizam a pessoa humana.

A compreensão de libertação nasce, primeiramente, da realidade de morte que ameaça a vida de muitas pessoas antes do tempo por causa da pobreza extrema ou mesmo da falta de amor, criando milhares de vítimas e de mártires⁷⁹. É a situação histórica, de exclusão e miséria, que faz emergir a concepção, não só teórica, mas particularmente, uma concepção que parte de uma ação concreta e solidária de libertação, “um modo novo de compreender a totalidade histórica e, sobretudo, uma forma nova de se posicionar em relação a ela”⁸⁰.

Libertação é uma palavra altamente sugestiva, pois evoca uma vida humana realizada e livre. O ser humano possui uma característica que extrapola os seres vivos, ele é “portador de uma totalidade e de uma identidade interior, cuja construção constitui a tarefa permanente e fundamental de sua vida”⁸¹. É tarefa a ser construída pelo ser humano em sua história e em suas relações humanas. Constituinte de seu ser pessoa, dotada de dignidade e personalidade única, a libertação tem marcas no tempo presente, expressa na luta diária e na busca de re-transformação da realidade, sempre atuante e atualizada, provocando desejo e esperança de libertação da vida. Libertação é então compreendida em caráter atemporal, pois presentifica no hoje, o passado e o futuro, e revela o sentido e o horizonte da vida. Em suas relações, o ser humano é livre na medida em que se liberta das pessoas e estruturas que o escravizam.

⁷⁹ Cf. LIBANIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 69. Grifo do próprio autor.

⁸⁰ ARAÚJO DE OLIVEIRA, Manfredo. *Ampliação do sentido de libertação*, p. 273. Queremos deixar explícito que nossa compreensão de história não é recitação dos fatos passados. Para nosso autor, história tem uma dimensão, pessoal ou grupal, de vida, luta, confronto, decisão e construção de um caminho. Na vivência radical desta dimensão, Deus emerge como vida e força na caminhada. In: BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 36.

⁸¹ *Ibid.*, p. 274.

A libertação se faz processo em sua vida enquanto luta pela criação de espaços de liberdade, em todas as suas relações.

Desde o Gênesis, o ser humano continua em busca da terra prometida, da sua libertação. Desde então, diferentes formas de escravização da liberdade continuam e se multiplicam com outros nomes⁸². A publicidade enganosa com promessas de liberdade e de sentido para a vida, baseada no consumo é um problema agravante que se impõe ao processo de uma verdadeira libertação. O consumismo é fator originante de feridas à dignidade humana, de rompimento com as relações pessoais, enquanto o mundo virtual é projetado como o ideal de uma sociedade de paz. Dentro de si mesmo, e perfazendo um caminho contrário, o ser humano experimenta que a vida tem um significado maior, experimenta que sua vida não se restringe a produção e ao consumo, e sim, a algo mais e maior na dimensão de relações interpessoais, da gratuidade, da contemplação, da beleza, da alegria de viver.

O desafio que se apresenta para a compreensão de libertação na América Latina a partir de Jesus é como tornar concreta a experiência de libertação anunciada por Jesus, o Reino de Deus na história. Como descobrir a presença permanente e gratuita de Jesus Cristo, através das atitudes e expressões históricas libertadoras, que geram vida e fazem experimentar que o Deus de Jesus é o Deus amigo que cria e cuida da vida, é o Deus que também se fez humano e nos quer irmãos e irmãs. Como sair da visão dualista de céu e terra, ser humano e natureza. A esperança em meio a pobreza da maioria das pessoas num país de tanta riqueza como o Brasil, em terras que há mais de 1.500 anos tudo que se planta dá, só é compreendida pela fé⁸³. Daí a constatação que a fé no Deus da vida neste continente não é uma abstração, mas está enraizada no

⁸² O analfabetismo tecnológico é um dos novos nomes para a discriminação social. Trata-se da incapacidade em ler o mundo digital e trabalhar com a tecnologia moderna, principalmente com relação ao domínio dos conteúdos da informática. A exclusão digital é denunciada como a forma mais moderna de violência e modalidade sutil de manutenção e ampliação das desigualdades. Tal exclusão não se dá apenas no interior das classes sociais de um país, mas também entre nações e continentes. O número elevado de analfabetos tecnológicos e seus efeitos devastadores, criam fossos econômicos e culturais. Cf. Disponível em: < <http://www.educabrasil.com.br>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

⁸³ "... a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! [...] Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500. Pero Vaz de Caminha".< <http://educaterra.terra.com.br>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

chão da história; a fé advém do Deus que continua sua ação de libertação e solidariedade, agora pela Encarnação.

A libertação advinda pelo Reino de Deus quer ser contínua acolhida pelo homem e mulher, pois ela é a possibilidade de realização integral em todas as dimensões. Essa é a direção apontada pelo Reino: a libertação dos filhos de Deus encontrando a sua plenitude, com Deus, com os outros e com o cosmos.⁸⁴ O compromisso de Jesus reflete precisamente quem é Deus para o ser humano: aquele que o quer livre de toda opressão e que comece, já, a viver a graça da libertação prometida. Neste vasto horizonte do Reino de Deus a América Latina se reveste de experiências próprias.

2.3.3.

O horizonte do Reino de Deus na América Latina

Reino de Deus para Jesus remete ao próprio Deus; é Deus mesmo. Assim, a Boa Notícia comunicada por Jesus é a revelação do rosto de Deus. Conforme temos assinalado, este constitui o horizonte norteador para o povo da América Latina encontrar Deus. Um Deus que se permite experimentar próximo e humano, que faz história com seu povo nas vitórias e nas lutas, e se faz companheiro e mestre pelos campos e cidades. Rosto que, também, faz descobrir e denuncia, na realidade deste Continente, uma fileira imensa de rostos desfigurados pelos contrastes da riqueza de poucos frente à miséria de muitos⁸⁵. Jesus é o Reino de Deus no meio da humanidade (cf. Lc 17,21). O Deus do Reino que Jesus apresenta tem faces bem concretas, de modo que não há outro caminho para herdar o Reino, “se faz presente a partir dos ausentes e anônimos da história, daqueles que não são os dominadores, os grandes, os famosos, os sábios e prudentes”⁸⁶. Deus, em Jesus, identifica com os últimos da sociedade, fala e come com os excluídos.

⁸⁴ Cf. IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina*, p. 257.

⁸⁵ Para a Teologia da Libertação existe uma íntima relação entre esperança escatológica e práxis social. A esperança cristã, vista como uma atitude escatológica do cristão perante o futuro da salvação não pode ser entendida como uma fuga histórica. É impossível falarmos de esperança escatológica no continente da América Latina deixando de lado a difícil realidade que assola e oprime milhões de pessoas. Cf. LA DUE, William J. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo, Loyola, 2007, p. 202.

⁸⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 119.

O panorama, na América Latina, no qual aumentam as formas de atentados à dignidade do ser humano, impõe a necessidade de uma ética assentada e impulsionada pela experiência do amor, pois esta, segundo afirma nosso autor, é o resumo da pregação de Jesus⁸⁷. O Amor a Deus é a primeira e a última palavra que move o discípulo de Jesus. Amar a Deus leva a perguntar onde Deus está, e Deus, em Jesus, se coloca na história. Portanto, amar a Deus é amar a história humana, amar os que ele amou, preferencialmente os pobres, porque estes, a exemplo da viúva que ofertou tudo que possuía (cf. Lc 21, 1-4) entregaram seu bem mais precioso e único: sua vida.

A Boa Notícia de Jesus também se dá a conhecer através de seu ensinamento, sobretudo das parábolas, o autêntico modo de ser de Deus. É Boa Notícia porque os destinatários da mensagem recebem a mais nobre notícia de que o verdadeiro Deus em nada se parece com o Deus elitista, exclusivista, legalista vigente da época. O Deus revelado por Jesus é o Abba, muito próximo de seus filhos, gratuito, serviçal e amigo, gerador de vida para todas as pessoas, principalmente, dos mais excluídos, e o acesso a Ele não está mais nos caminhos tenebrosos do sacrifício, da lei sem coração e do templo vazio. Em vez de se preocupar com o Templo, o Deus de Jesus se interessa pelas pessoas que estão no Templo. O que está em jogo, aqui, é a forma de relacionar com Deus. A via segura de acesso a Deus é a que passa por sua Palavra, sua vontade, sua Lei; passa pelo próximo, pela prática da justiça e do direito, pela misericórdia com os oprimidos, órfãos, viúvas, emigrantes. Somente através deles a pessoa entra em contato com Deus. Do contrário, há sempre o perigo de enganar-se, de estar adorando um ídolo, e não o Deus verdadeiro. Como diz a Primeira carta de João, “Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20).

O Reino de Deus é o reinado da misericórdia e da justiça de Deus na história concreta de homens e mulheres. Desta perspectiva surge a constatação de que o Reino se aproxima dos pobres, que estes são os seus destinatários privilegiados, e que esta constitui, portanto, a sua característica essencial. “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus”. (Lc 6,20).

⁸⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 80-81.

E nosso autor é enfático em afirmar que o Reino pregado por Jesus tem caráter de amplitude a todas as dimensões, não podendo concebê-lo como mera libertação do poder romano, nem mesmo grito de rebelião dos pobres contra os latifundiários. Tem sempre um horizonte positivo e transcendente; é a total e completa libertação de tudo o que aliena⁸⁸. O Reino é para Jesus o centro unificador de sua experiência do Pai, de seus sonhos, de sua mensagem, de sua pregação; este é o horizonte fundamental para Jesus. Desse modo, entrevemos que na palavra-ação de Jesus, o Reino se transforma em paradigma de esperança e libertação integral para todos, homens e mulheres.

O ser humano totalmente integrado de Jesus permite viver a realidade humana sem fazer justaposição ou viver uma dicotomia com a realidade divina. Schillebeeckx observa que a esperança do anúncio do Reino de Deus está fundamentada num paradoxo, que ele chama de experiência de um contraste, “de um lado, a inexorável história humana de miséria, discórdia e injustiça, de escravidão opressora e dilacerante, por outro lado, a peculiar experiência religiosa de Jesus, sua vivência de Deus como *Abba*”⁸⁹. A dignidade humana, ferida e maltratada até de crianças, não é palco teatral nem palanque político para Jesus aproveitar para pregar o Reino de Deus, ao contrário, a partir desta realidade e mergulhado nesta realidade, Jesus faz entrever que o Reino de Deus está além dela, transformando a tristeza em alegria, a doença em saúde, a injustiça na prática do amor. Amor que afirma a vida, e vida em abundância, para todas as pessoas e o mundo. O verdadeiro Deus, o Deus que veio em Jesus e dá a vida verdadeira a todas as pessoas, é o garante da vida humana. Tudo o que ameaça a vida do ser humano é atentado contra o Deus de Jesus. Irineu de Lyon afirma que a glória de Deus consiste que o ser humano viva, e viva em plenitude⁹⁰. Para Jesus, a primeira mediação da realidade de Deus é a vida. “Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mc 12,27) e se manifesta na realidade humana como a vida. “Jesus lhes falava: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).

O Reino pregado por Jesus imprime um diferencial de outros pregadores que não fica despercebido, nem pelas autoridades e os letrados, nem pelos

⁸⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.259.

⁸⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo, Paulus, 2008, p. 243.

⁹⁰ Cf. SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico*, p. 780.

pobres e excluídos da sociedade. Em primeiro lugar, Reino de Deus para Jesus significa a proximidade de Deus; Deus age na história pessoal e na história do mundo. Sua pregação se centra no Pai e no Reino⁹¹. O Reino é Graça, pois a própria chegada de Deus já é salvação e Jesus apresenta sinais privilegiados dessa chegada “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,5). O Reino de Deus está inserido neste mundo de pecado, exigindo não apenas que se instaure a liberdade, mas que se instaure um processo de libertação do mundo-sistema do pecado. E a adesão ao Reino exige uma decisão para mudar de vida e seguir a Cristo, como exigência específica da adesão ao Reino de Deus.

Jesus deixa claro que não veio criar leis. Sua vida, assim nos atesta os evangelistas, é orientada para a vivência radical do mandamento do amor; amor sem limites, quer a Deus quer ao próximo. Um Deus que não está distante, mas que se aproxima de cada ser humano como Pai de todos. Um Deus próximo, especialmente, dos pequenos, indefesos, injustiçados. Esse é o Deus do Reino!

A vida de Jesus de Nazaré, evidenciada em seu mistério pascal, nos é revelada o Deus uno e trino. Jesus vai ao Pai do qual saiu; uma vez glorificado pelo Pai, envia-nos, juntamente com ele, o Espírito Santo, o Espírito que repousou, previamente, sobre ele⁹². Ele é o caminho para encontrar o Reino de Deus, ou ainda, é o caminho para experimentar o Deus do Reino. O Deus de Jesus é um Deus de quem sempre se há de falar como de uma realidade inseparável: Deus e Reino. E em continuidade podemos dizer que “O Deus de Jesus é sempre um Deus com uma vontade, com um projeto, com uma utopia: Deus ‘sonha’ um mundo diferente, novo, renovado, digno do ser humano e digno de Deus”⁹³. Nas palavras de Boff, “Deus é o sentido último deste

⁹¹ Segundo a teóloga Helena T. Rech, o Pai e o Pobre são as duas faces da paixão de Jesus Cristo. Afirma que a experiência de Deus é encontro com Jesus Cristo vivo. Deste encontro surge o aprender com ele, o deixar-se amar e ser conduzido pelo Espírito como Ele que amou os pobres. E “a experiência de Jesus nunca é surda aos gemidos da história”, decorre então que toda experiência do Deus de Jesus Cristo é contextualizada na história. Cf. RECH, Helena T. *As duas faces de uma única paixão: Uma reflexão teológica sobre a experiência cristã de Deus e suas conseqüências para a vida consagrada da América Latina e Caribe*. São Paulo, Paulinas, 1998, p. 113.

⁹² Cf. LADARIA, L. *O Deus vivo e verdadeiro*. São Paulo, Loyola, 2006, p. 121.

⁹³ VIGIL, José Maria. *Crer como Jesus: a espiritualidade do Reino. Elementos fundantes de nossa espiritualidade latino-americana*. In: REB, vol. 58/ 232. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 945. Grifo do próprio autor.

mundo”⁹⁴, o sentido radical para as pessoas, o mundo e o cosmos. Daí podermos adentrar no conhecimento do Reino a partir do significado unificador de Boff como “a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus”⁹⁵. Este fundamento do Reino de Deus deixa já entrever que a vida que emerge do Reino será compreendida numa perspectiva integral para uma integração total na vida humana, fundamentada na experiência.

Considerar o Reino de Deus como totalidade para a vida humana, significa, constatar a emergência do Reino no mundo. Ao mesmo tempo, não podemos fechar os olhos aos desafios e limites em falar de realidades que não se enquadram na linguagem técnica e na exatidão matemática contemporânea que parecem ofuscar a sensibilidade e afetividade humana. Boff, sem negar esse lado da realidade, sublinha que a instância última do ser humano é a sensibilidade para o Mistério de Deus-Amor, o sentido radical da vida; daí o homem e a mulher poder acolher o inacessível e o Mistério revelado e escondido ao invés da discursividade da razão⁹⁶.

Concluimos, então, que a mensagem de Jesus tem relação direta com a condição existencial do povo. É muito importante percebermos que a mensagem fundamental do Reino não é estranha ao ser humano e a toda sua realidade, mas é sua resposta⁹⁷. Ela está relacionada com aquilo que é mais humano e divino em homens e mulheres e mais natural e sagrado em todo mundo. Este é o horizonte no qual o povo da América Latina entrevê o Reino de Deus.

⁹⁴ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 65.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 69.

⁹⁶ *Id. Experimentar Deus*, p.152.

⁹⁷ *Cf. Id. Jesus Cristo libertador*, pp. 62-63

2.4. Conclusão do capítulo

Neste primeiro capítulo quisemos explicitar nosso alicerce e começarmos a construir as pilastras de nossa pesquisa. Compreendemos que o futuro será bem vivido se considerado o passado, pois nossa história tem um princípio, e este conhecimento, que se manifesta no presente, nos impulsiona para o futuro. Daí que Jesus de Nazaré e o Cristo da fé não são duas instâncias separáveis. Ele é o mesmo, ontem e hoje.

As três pilastras, ou as três partes, abordadas, a fim de conhecer o Reino de Deus permanecerão presente; queremos estar atentos a não construir casa na areia (Cf. Mt 7,26), nem construí-la em terreno alheio ao fundamento originário, Jesus Cristo. Nossas três pilastras construídas: do ver a realidade social como ela se encontra, do ver a atitude de Jesus, no Antigo Testamento e Novo Testamento, particularmente nos Evangelhos, e, a pilastra, assentada nestas duas, da Teologia da Libertação, que compreende que Jesus não pregou a si mesmo, mas o Reino de Deus. Ele é o próprio Reino. Para Jesus, os pobres ocupam lugar de preferência, neste sentido a TdL busca assumir a perspectiva do pobre como princípio de articulação da reflexão ética e configuradora de sentido para a libertação da vida.

Boff sublinha bem que no caminho de Jesus não encontramos um Deus fazendo experimentos a fim de saber o que seja a humanidade, mas um Deus profundamente solidário e comprometido com a humanidade, o mesmo do Antigo Testamento, que agora, com Jesus, revela uma nova experiência de Deus.

Um Deus que pode fazer-se outro, pode nos vir ao encontro na fraqueza de uma criança, que pode sofrer, que sabe o que significa ser tentado, sofrer decepções, chorar a morte de um amigo, ocupar-se com os joões-ninguém que não possuem neste mundo nenhuma chance e anunciar a estes a novidade total da libertação de Deus⁹⁸.

Nosso próximo passo será de aproximar o Reino em sua orientação para a vida, em Leonardo Boff. A teologia de Boff sobre o Reino de Deus, afirma que o cerne da cristologia “não é tanto a Igreja mas o homem”. No ser humano, e não nas constituições dogmáticas e canônicas, que reside à reflexão cristã

⁹⁸ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 264.

renovada⁹⁹. O Reino invoca e provoca relações, profundamente, humana e divina, por isto rico de sentido de vida. A originalidade absoluta de Cristo, na intuição de nosso autor, demonstra que a humanidade só se explica Nele e que o futuro do ser humano é estar Nele¹⁰⁰. Assim, após construir as pilastras para nosso entendimento de Reino de Deus, poderemos erguer algumas paredes vitais que moldam a teologia de nosso autor, para abordar o Reino de Deus para Leonardo Boff.

⁹⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 57-58.

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.*, pp. 220-222.